Duas turistas estrangeiras no Porto de Oitocentos: da condição feminina aos limites do turismo

jorge ricardo pinto*, daniela alves**, hélder barbosa***, marta lopes****
chip/iscet

RESUMO

A partir do relato de viagem de duas turistas no Porto, Maria Rattazzi e Lady Jackson, o texto pretende compreender a realidade turística da cidade à entrada do último quartel do século XIX, explorando as observações e reflexões apresentadas pelas duas viajantes no decurso da sua estadia. A riqueza e profundidade dos textos permite a análise a outros tópicos como a condição feminina na sociedade romântica portuguesa ou a compreensão do espaço urbano portuense. Usando análise comparada aos dois textos e confrontando-os com outros documentos da época, pretende-se também compreender as limitações e problemas de uma turista perante os constrangimentos finisseculares.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; século XIX; Porto; feminismo; hotelaria.

ABSTRACT

From the travelogue of two tourists in Porto, Maria Rattazzi and Lady Jackson, the text intends to understand the touristic reality of the city at the entrance of the last quarter of the nineteenth century, exploring the observations and reflections presented by the two travelers during the course of their stay. The richness and depth of the texts allows the analysis of other topics such as the feminine condition in the Portuguese romantic society or the understanding of the urban space of Porto. Using compared analysis of the two texts and comparing them with other documents of the time, it is also intended to understand the limitations and problems of a tourist in face of the late nineteen century constraints.

KEYWORDS

Tourism; 19th century; Porto; feminism; hospitality.

* jpinto@iscet.pt.
** danielafdalves@hotmail.com.
*** helder.filipe.barbosa@hotmail.com.
**** mlogorta@gmail.com.

INTRODUÇÃO – DUAS TURISTAS ESTRANGEIRAS, NO PORTO DE OITOCENTOS

Durante a década de 70 do século XIX, duas mulheres cultas e abastadas, nascidas nas ilhas britânicas, viajaram por Portugal, praticando aquilo que hoje definiríamos como turismo cultural. As viajantes pulularam de terra em terra, de cidade em cidade, em busca de monumentos e experiências, paisagens e patrimónios e produziram relatos de viagem que foram posteriormente publicados em livro[1]. Entre muitos pontos de contacto entre essas duas mulheres, que talvez nunca se tenham conhecido pessoalmente, emerge a relação de afeto pela cidade do Porto, pese embora a pena acutilante e incisiva das autoras.

Embora nascida em Waterford, na Irlanda, a 25 de Abril de 1831, Maria-Laetitia Sthudolmina Bonaparte-Wyse, ou Maria Rattazzi como ficou conhecida em Portugal, era sobrinha bisneta do Imperador Napoleão Bonaparte e foi educada em Paris, onde, muito nova conheceu, por intermédio de sua mãe, figuras como Victor Hugo, Honoré de Balzac, Eugène Sue ou Alexandre Dumas (filho), entre outros escritores e artistas. Viajada e influente, conhecedora da realidade histórica e das tricas políticas das diferentes nações europeias, Maria Rattazzi escrevia regularmente em jornais da época e movimentava-se nos salões de arte e cultura europeus, tendo inclusivamente residido em várias cidades de diferentes países do "velho continente", ao ritmo dos seus três casamentos, com homens poderosos e ilustrados[2]. A sua produção literária inclui poesia e prosa, romances e peças de teatro, tendo-se destacado pela coragem da sua escrita e pelos reparos mordazes que fizeram várias vítimas, um pouco por toda a Europa. No nosso país, por exemplo, a obra "Portugal de relance" (no original "Portugal á vol d'oiseau"), de 1880 (Rattazzi, 1880), que resume a interpretação pessoal do país que visitou por duas ocasiões (1876 e 1879), moti-

vou "comichões" e incómodos, iras e indignações na elite cultural portuguesa. O romancista Camilo Castelo Branco publicou inclusivamente um pequeno livro provocador, intitulado "A Senhora Rattazzi", trabalho em que o autor intitulou "Portugal de relance" como uma "indiscreta obra mexeriqueira" (Branco, 1880: 3), entre outros encómios, mais ou menos indelicados.[3]

A outra turista em solo português era Catherine Hannah Charlotte Elliott Jackson, ou apenas Lady Jackson, como passou a ser conhecida. Nascida em 1824, Lady Jackson escreveu a obra "A Formosa Lusitânia" (no original "Fair Lusitania"), que é essencialmente o relato da sua viagem por Portugal, realizada em 1873. A obra foi traduzida para português precisamente pelo já citado Camilo Castelo Branco, em 1877, publicação em que o célebre escritor decidiu incluir um conjunto de notas e comentários, de uma forma geral, em tom corrosivo e jocoso para com a britânica. Lady Jackson foi autora de uma vasta obra publicada, nomeadamente a propósito da história e da arte europeia, tendo enveredado pela literatura após a morte do marido, em 1861 (Jackson, 1877).

1. DO PROTO TURISMO AO TURISMO MODERNO

Tal como apontou Maria Alexandre Lousada, "o turista moderno descende do viajante setecentista e da viagem do tour" (Lousada, 2010: 65). Rattazzi e Jackson, que integravam a erudita e endinheirada "gentry" europeia, respondiam, por isso, a uma moda que arrancava para um processo de massificação que se desenvolveu ao longo do século XIX, motivado por um conjunto de alterações criadas pela sociedade industrial de oitocentos. A revolução dos transportes, que permitiu viajar mais longe em menos tempo e com maior segurança e conforto, nomeadamente com a invenção e posterior democratização do comboio[4] e do barco a vapor; o engrandecimento de uma classe média próspera, sustentada nas novas formas de distribuição do trabalho e na invenção de um conjunto alargado de novas atividades; e a organização prematura daquilo a que podemos chamar "uma proto indústria do turismo", com a proliferação das primeiras agências de viagens (por exemplo, a Agência Abreu, em 1841), a multiplicação de guias turísticos, a reestruturação do alojamento e da hotelaria[5] e um conjunto de melhoramentos para apoio ao lazer (*piers*, promenades, estufas e pavilhões em ferro, feiras populares,…), de carácter público ou privado, permitiram a popularização da viagem e a assunção do ócio como um elemento fundamental da vida moderna. Mais até do que isso, uma exigência classista como forma de ostentar um estatuto social: "Não és pobre, eu sei; que, se o fosses, levarias o teu Julho e o teu Agosto na misérrima mansarda de todo o ano" (Osório, 1908: 1).

Mas se esta "banalização" da viagem para recreio se propagou por novas classes sociais, manteve-se também a antiga lógica da "tour", aristocrática e elitista, agora espalhada por uma classe média alta, fulgurante e burguesa, em busca do conhecimento e de novas paisagens e destinos, à procura de compreender outras culturas e emoções. O Romantismo transformou a viagem numa "experiência interior decisiva, consubstanciada na procura do outro, do desconhecido e do diferente" (Cabete, 2010: 207). A este movimento somou-se o do turismo balnear, que arranca como procura pelas virtudes terapêuticas da água salgada e do ar marítimo, a partir de 1750, quando o médico britânico Richard Russell publicou um texto validando os benefícios dos "ares" do litoral e dos banhos no mar. Tal como havia acontecido nos espaços termais, alguns núcleos urbanos piscatórios vão se transformando, ao longo do século XIX, no lugar da festa e da fantasia; do encontro e da reunião; dos chás dançantes e das soirées; dos chalés e das arquiteturas neomedievais, cenários prediletos do turismo balnear.

O crescimento da popularidade da praia é extraordinário e, por isso, não surpreende que Rattazi e Jackson procurem nas suas viagens por Portugal, e nomeadamente quando chegam ao Porto, o pequeno núcleo piscatório de São João da Foz. A Foz era também destino balnear desde, pelo menos, o princípio desse século, muito graças à extensa comunidade britânica (que importou a moda dos banhos de Brighton, na Inglaterra, onde havia começado). Todavia, à entrada do último quartel de oitocentos, quando Rattazzi e Jackson por ali passearam, a Foz balnear já não era apenas da elite britânica do Porto, mas refúgio de um grupo alargado de pessoas de várias origens, que incluía a classe média portuense, as famílias abastadas

do Minho e do Douro e uma larga comunidade espanhola que para ali se dirigia propositadamente para a praia e o descanso[6]. Entre maio e outubro, a Foz era um lugar de extremo bulício, de chegada e partida de "carros americanos"[7], a um ritmo frenético ao longo do dia e até às 11 horas da noite[8].

Todavia, a Foz era também um espaço cheio de contrastes, como a própria Lady Jackson fez notar quando descreveu a paisagem que observava do pátio do hotel em que estava instalada: "Ao lado do cazebre de cuja janella os mendigos imploravam soccorro, está o pomposo palacete de um magnate portuguez. Saiba pois que na Foz os extremos se tocam: – é uma miscelânea de incongruências" (Jackson, 1877: 334). Em registo semelhante, Maria Rattazzi nota as transformações que o turismo começa a produzir na Foz, no final da década de 70 de XIX: "S. João da Foz, que prolonga o Porto, é o passeio da moda. Está admiravelmente situado: pertencia antigamente a uma população de pescadores e de pilotos; actualmente principia a attrair os banhistas, tendo os inglezes ahi mandado edificar risonhos cottages, rodeiados de jardins symetricos, que contrastam notavelmente com as casinhas adjacentes occultas entre grandes vegetações sombrias e desordenadas e os velhos muros altos e denegridos" (Rattazzi, 1880: 150). O lazer transformava a paisagem, através da substituição ou adição de novas classes sociais, muitas vezes erguendo segundas residências e casas de férias, mas também de uma nova estrutura de comércio e serviços de apoio ao recreio e ao repouso, como hotéis, restaurantes e cafés. No fundo, ocorria um processo de transformação territorial que hoje correntemente chamamos de "gentrificação", embora então a uma velocidade mais reduzida que a atual.

2. A IMAGEM DOS LUGARES E A COMPARAÇÃO ENTRE DESTINOS

Em muitos momentos da escrita das duas viajantes, o leitor parece navegar numa montanha russa de emoções e bipolaridade, entre encantos e desencantos, expectativas e desilusões. A chegada à cidade, por exemplo, surpreende as duas escritoras, desde logo porque as expectativas não eram as melhores. Lady Jackson havia tido uma conversa com um inglês, em Lisboa, que lhe havia assegurado que no Porto "não havia ali couza nenhuma digna de memoria" (Jackson, 1877: 291). O seu conterrâneo insistiu ainda que se comia mal na "capital do norte", tendo sentido a "falta ao almoço d'um bom bife de boi ou costeleta de carneiro, e de mais – affirmava – azeite e alho ás mãos largas em todas as comidas" (Jackson, 1877: 291). Por sinal, Maria Rattazzi, naquele seu tom habitualmente apimentado, esfrangalhará também a gastronomia portuguesa, com pitadas de semelhança em relação ao discurso do inglês com quem Lady Jackson se havia cruzado: "Em Portugal desconhece-se completamento a arte culinária. A cozinha é tão má como a de Hespanha, e já não é dizer pouco. Desde a sopa até á sobremesa nada se faz sem azeite. Não é só isto que a torna abominável, são os cozinheiros (?) do paiz que podem alcunhar-se *estraga môlhos*" (Rattazzi, 1880: 20).

Até 1877, o comboio que vinha de Lisboa terminava o seu percurso na estação das Devesas, em Vila Nova de Gaia, pelo que a chegada noturna ao Porto, em carruagem, era dramatizada pela travessia na ponte pênsil, sobre o Douro, então a única que unia as duas margens. Por isso, quando Lady Jackson, em 1873, saiu do comboio na margem sul ainda teve que entrar numa "estreita caixa de madeira de um omnibus [que] era o único transporte, e nós os trez e mais dous com innumeras malas, caixotes e saccos, com dificuldade cabiamos. Subimos e depois descemos vagarosamente uma íngreme encosta e passamos a ponte-pensil, alumiada pelos lampejos dos raros lampeões. Começava a tremular no rio o radiar da lua, dando feitios fantásticos ás sombras dos objectos, quando iamos em solavancos a entrar na cidade, que se eleva na montanha fronteira a nós. Passava de onze horas quando entramos no Porto. As estreitas ruas que percorremos eram negras, silenciosas, desertas. Aqui e além tremeluzia uma solitária vela que fazia 'viziveis as trevas' no tegurio de tendeiro em rua triste e torta. Dir-se-ía que toda a cidade estava atascada em profundo dormir" (Jackson, 1877: 284). Rattazzi, por seu turno, que tem uma postura permanentemente desconfiada e a língua sempre aguçada, atravessa o Douro depois de 1877 e, como tal, já beneficia da nova ponte Dona Maria, peça de filigrana

em ferro, então o vão mais longo do mundo (com excepção das pontes suspensas), terminando a sua viagem ferroviária na nova estação de Campanhã: "Quando se chega ao Porto, impressiona-nos logo o espectáculo admirável e grandioso que offerece a cidade elevando-se magestosamente sobre duas collinas graníticas, a Sé e a Victoria, bordadas pelas duas margens do Douro, ligadas por uma ponte magnifica de um comprimento e altura incríveis" (Rattazzi, 1880: 139-140).

Rattazzi e Jackson não deixam jamais de estabelecer comparações com Lisboa. A cidade capital serve, incontornavelmente, de referencial para confronto à "rival do Norte", em qualquer circunstância e, em regra, em benefício do Porto. Rattazzi, que divide Portugal em duas partes, "o norte de Portugal é tão verdejante e povoado quanto o sul me pareceu inculto e quasi deserto[9]" (Rattazzi, 1880: 141), sublinha a independência do Porto em relação à capital, destaca o seu espírito liberal e dinâmico que o coloca como agente de mudança do país, e encanta-se pelas camélias que ali encontram o seu espaço de conforto climático, ao contrário do que acontecia no sul de Portugal. No entanto, tal como Lady Jackson o fará, Rattazzi desdenha da topografia portuense, por ser demasiado declivosa e ziguezagueante, incorrendo todavia a algum exagero: "Lisboa ergue-se no vértice dos montes; o Porto pendura-se das serras. É preciso subir, descer e tornar a subir, como no jogo denominado montanha russa. Não há cidade no mundo mais difficil de percorrer. Os montes Montmartre de Paris, não passariam no Porto de uma planicie reles" (Rattazzi, 1880: 140). Exercício comparativo semelhante fez também Lady Jackson que olhava para o Porto como uma "piquant dame de province" (Jackson, 1877: 312), onde tudo era mais barato que em Lisboa[10] e onde se comia melhor, ao contrário do que o compatriota inglês lhe havia afirmado. Talvez porque o Porto era "positivamente uma cidade anglo-portuguesa" (Rattazzi, 1880: 141), Lady Jackson demonstra permanentemente afeto e encanto pela urbe portuense e tudo serve como paralelo positivo em relação à capital portuguesa, mesmo em tópicos surpreendentes como quando confronta o som dos socos a bater no lajeado granítico portuense com o barulho dos pregões dos vendedores em Lisboa: "No Porto há mais obras e menos gritaria" (Jackson, 1877: 350).[11]

A necessidade de encontrar paralelo às paisagens urbanas portuenses não se resume a Lisboa, mas estende-se a outras capitais europeias. Para Lady Jackson, por exemplo, a rua dos Clérigos é "como um boulevard de Paris" (Jackson, 1877: 294) e a praça de São Bento, atual praça Almeida Garrett, é "uma espécie de Covent Garden em miniatura" (Jackson, 1877: 347), enquanto as colinas que se avistam em Gaia, a partir do miradouro das Virtudes, são "verdes como os verdes montes do Tyrol, rescendendo á alfazema e á flôr da murta" (Jackson, 1877: 297).

3. PORTO – UMA CIDADE EM MUDANÇA

A visão do Porto laborioso, obreiro e trabalhador que encontramos no discurso das duas viajantes é, em larga medida, consequência das extraordinárias metamorfoses que ocorriam na cidade e que impressionavam quem a visitava. O Porto, autêntico estaleiro a céu aberto, havia passado por uma enorme transformação urbana na década de 60 do século XIX e permanecia em mudança profunda aquando da visita das duas turistas. No espaço de 15 anos, entre outros feitos, o Porto inaugurou uma colossal Alfândega, construída sobre o Douro e uma praia fluvial, e ergueu o surpreendente Palácio de Cristal e os seus extraordinários jardins (que tanto encantaram as duas turistas!) e que albergou a Exposição Internacional de 1865, apenas 14 anos depois da primeira exposição que havia tido lugar em Londres, em 1851. Nesse tempo que medeia o início da década de 60 do século XIX e a passagem de Rattazzi e Jakson pelo Porto, a cidade abriu ruas, praças e construiu edifícios, como o Hospital Militar, rasgou avenidas e novas aberturas como a Alameda de Massarelos ou a Avenida da Boavista.

Entre 1864 e 1900, o Porto duplicará a sua população, com gente que vinha sobretudo do entorno rural, do Douro e do Minho, mas também de Espanha, de Inglaterra e com muitos portugueses regressados do Brasil, agora com o bolso cheio e roupas espampanantes. As mudanças na cidade foram tão profundas que os guias de viagem elaborados antes da década de 60 de XIX estavam desatualizados e não faziam justiça à "capital do Norte", num tempo em que se assiste também "à rebelião contra o papel

convencional dos roteiros e dos guias de viagem" (Cabete, 2010: 208), por conter "um discurso impessoal, [que] não continha o relato da viagem e as emoções sentidas pelo viajante, carecendo de originalidade, investindo, sobretudo, no volume de informações que se sucedem de modo objectivo" (Cabete, 2010: 208).

É a própria Lady Jackson que se apercebe desta realidade ao analisar os conceituados guias de Bradshaw, então muito populares na Inglaterra: "todas as informações a respeito da segunda cidade de Portugal rezumem-se no seu nome inglez 'Oporto'. Depois segue-se a adresse d'um hotel de quarta classe (…). Mas quem viajar n'estes sitios consultará sem duvida autoridade maior que a de Bradshaw. É provável que se previnam com a ultima edição d'um 'Guia' e assim lhes acontecerá dirigir-se a cônsules e agentes que ha annos repouzam nas suas campas, e ficarão sabendo que do Carregado ao Porto por diligencia se gastam trinta e seis horas. Sem duvida, aprenderão então á sua custa, depois de chegarem a Portugal, o progresso que este depois tem feito geralmente no intervallo de dez ou doze annos desde a publicação d'esses Guias" (Jackson, 1877: 292).[12]

4. A PORTUENSE VISTA PELA ESTRANGEIRA

Tanto Maria Rattazzi como Lady Jackson estão particularmente atentas à condição feminina na sociedade portuense e, em diversos momentos, destacam a biografia, os gestos ou a aparência da mulher portuguesa. Em boa verdade, Rattazzi e Jackson são, elas próprias, faróis de uma nova postura da mulher, num período de transição entre uma sociedade romântica profundamente conservadora e o desenvolvimento do movimento de igualdade entre géneros que teve como exemplo, entre outros, o contributo das "suffragettes" inglesas que redundou na lei britânica de 1918, permitindo o voto feminino. Estes movimentos combatiam um conjunto de valores das sociedades ocidentais oitocentistas, fundados na autoridade religiosa e na superioridade masculina. A mulher não devia trabalhar, mas casar bem (com alguém abastado), procriar (muito!) e tratar solenemente da casa, espécie de altar da família. Esta matriz era ainda muito visível na sociedade portuense finissecular, como apontou Alberto Pimentel, em 1893: "A portuense, como o marido, gostava principalmente da sua casa, de fazer meia, de fiar linho, de jogar a bisca, de dar roupa à lavadeira, e de provar o jantar. Entendia que a mulher, em geral, tinha nascido para isto. Theatro, uma vez, de longe a longe. E rua, ao domingo, para ir á missa. De resto, a vida, muito serena e pacata deslisava canonicamente ao lado do marido com o appendice de seis filhos… pelo menos" (Pimentel, 1893: 19-20).

Lady Jackson é especialmente sensível ao tema, aproveitando cada cena, cada paisagem para vincar o papel da mulher, quer na economia local, quer no protagonismo que assume enquanto motor da sociedade, seja pelo trabalho que realiza, seja pelo encanto que provoca a sua beleza. Enquanto descia a rua dos Clérigos, por exemplo, Lady Jackson faz "parar a carruagem defronte de uma [loja], para perguntar o preço d'um lenço de seda de cor alegre; mas o meu fim especial era ver mais de perto uma linda rapariga" (Jackson, 1877: 295). Depois de cuidadosamente a descrever, sublinhando a qualidade dos seus trajes e a sua beleza natural, Lady Jackson surpreende-se pela qualidade dos seus ornamentos de joalharia que, aliás, encontra frequentemente em muitas portuenses, mesmo nas "*carreteiras*, que levam á cabeça pezados volumes (é este o modo uzual de fazer os transportes aqui) com um fio de contas de ouro ao pescoço e compridos brincos pendentes das orelhas" (Jackson, 1877: 295). Depois, no Jardim da Cordoaria, Lady Jackson nota que são as mulheres que guiam os carros de bois, mulheres que "parecem aqui fazer quazi todo o serviço. Homens e rapazes estão deitados no chão junto dos animaes que guardam, ou assentados em cestos ou tripeças comem o seu almoço. Aqui e ali, vê-se uma mulher ou rapariga, mas a maior parte d'estas de aspecto campezino estão mais longe, diligentemente empregadas nos mercados, ou andam conduzindo tam grandes e pezados volumes á cabeça, que a gente pensa que serão inevitavelmente esmagadas por elles ou succumbirão debaixo do seu pezo. Estremeço realmente quando vejo estas industriozas, fortes e pequenas mulheres dobrarem-se para receberem o seu carreto, mas logo que lh'os collocam e assentam bem, caminham vigorosamente com um passo livre e firme, trapejando com os tamancos um compasso regular"

(Jackson, 1877: 297-298). Num Douro pejado de embarcações, Lady Jackson confirma a mesma tendência: "As mulheres também manejam o remo dextramente, e cantam emquanto vão remando" (Jackson, 1877: 297-298).[13]

O Porto vivia um imenso turbilhão de chegadas e partidas, composto por uma: "população fluctuante avultada das aldeias convisinhas, – gente que vem á cidade vender hortaliças, leite, carne de porco, pão de Vallongo, pão d'Avintes, etc. – carreiros que guiam os pesados carros de bois – mulheres operarias das fabricas de fiação e tabacos – e numerosos operários de construcções, pedreiros, carpinteiros, trolhas, etc." (Jorge, 1899: 155). Durante um passeio na margem norte do rio, quando se dirigia para a Foz, Lady Jackson observa mulheres de todas as idades que transportam frutas, hortaliças e peixe e "apressavam-se em direcção á cidade com o seu passo leve e rápido, muito differente do passo descuidado da Lisbonense, que atravessa a vida mais folgadamente" (Jackson, 1877: 300). Da margem sul, vêm as mulheres de Avintes, "belles par excellence" (Jackson, 1877: 309), tripulando, como afirmou Alberto Pimentel, em 1894, "rio abaixo, os barcos que conduzem a broa ao mercado do Porto. Saltando na Ribeira, trepam pela rua de S. João, intrepidamente, n'um passo cantante, rythmado pelo jogo dos quadris, levando à cabeça as canastras cheias de pão, sem que o peso da carga lhes diminua o garbo aprumado da cabeça" (Pimentel, 1894: 175).

Os circuitos turísticos da cidade oitocentista retiravam da vista, e provavelmente também do coração, a observação de outras realidades femininas, nomeadamente a das operárias fabris. Mulheres que tinham um salário muito inferior ao dos homens, que trabalhavam 12 a 13 horas, "entre fumos e poeiras, mal vestidas e tantas vezes descalças, habitualmente grávidas e mal nutridas, desenvolvendo, perante este cenário, uma personalidade por vezes violenta, doente e alienada, frequentemente abusada, vendo-se obrigadas ao suplício de entregarem os seus filhos no hospício dos expostos" (Pinto, 2015: 13).

5. LIMITAÇÕES E DESAFIOS DO TURISMO E DA HOTELARIA NO PORTO OITOCENTISTA

Se Lady Jackson desenha um retrato luminoso da mulher portuense, independentemente da sua profissão ou classe social, Maria Rattazzi aproveita a sua chegada ao Porto e a necessária procura de alojamento para traçar o perfil de duas mulheres que gerem dois hotéis muito populares na cidade de então. Num primeiro momento, Rattazzi tenta instalar-se no muito prestigiado Hotel Louvre[14], tido como o melhor e o mais caro, segundo o "Guia do Viajante na cidade do Porto e seus Arrabaldes", de Alberto Pimentel, em 1877. O mesmo autor viria mesmo a afirmar que, no Porto, "antes de se fundar o Hotel do Louvre, não havia um que fosse bom, que tivesse as commodidades indispensáveis aos hospedes menos exigentes" (Pimentel, 1893). Todavia, ninguém no hotel parecia saber falar qualquer língua estrangeira, até que Maria Rattazzi conseguiu falar com a gerente do hotel, "uma boa ingleza gorda, de physionomia plácida e rechonchuda, que alinhavava soffrivelmente algumas phrases francezas, mas não comprehendia uma única!" (Rattazzi, 1880: 143). Entre outras limitações e dificuldades, a língua era, no século XIX, uma barreira difícil de transpor, por isso, Rattazzi "impaciente e fatigada", repetiu a pergunta por mimica, mas não obteve resultados: "A ingleza limitou-se a dizer-me uma dúzia de vezes, com o mesmo sorriso beatifico, que seu filho tinha saído" (Rattazzi, 1880: 144).[15]

O insucesso com o Hotel Louvre levou-a a procurar novo abrigo e encontrou o Hotel Francfort, que lhe havia sido sugerido pelo Conde de Paraty. Mas a sua primeira impressão "foi atroz! Imagine-se uma rua descalcetada, invadida por uma nuvem de operários esfarrapados e sujos, portas ennegrecidas, casas agglomeradas; em vez de aposentos espaçosos uns simples quartos de collegial; emfim, a apparencia de uma hospedaria de província de terceira ordem" (Rattazzi, 1880: 144). De uma péssima impressão inicial, que a levou inclusivamente a ponderar abandonar o Porto no dia seguinte, Rattazzi transitou para um encanto pelo lugar, porque, à medida que o tempo passava, o hotel lhe parecia cada vez mais genuíno, íntimo e confiável, sem pompa ou opulência, uma vez que o "luxo, genuinamente francez, das cortinas brancas peneirando

a demasiada claridade, é desconhecido no Porto, onde os vidros parecem olhos sem pálpebras" (Rattazzi, 1880: 143). Rattazzi traça mesmo uma comparação mordaz com o Hotel Gibraltar, em Lisboa, que aparentava ser o que não era, ao contrário do Hotel Francfort que, no fim de contas, "parecia mais um cottage inglês que uma hospedaria" (Rattazzi, 1880: 147). O Francfort era propriedade da sexagenária Senhora Hardy, que havia sido "creada de quarto da princeza Oronzoff, uma d'essas grandes dames russas" (Rattazzi, 1880: 148). A Senhora Hardy era "uma mulher baixa, gorda, ágil, esperta, trabalhadora infatigável, o typo característico da sua espécie" (Rattazzi, 1880: 148), que merecerá uma análise biográfica longa por parte de Maria Rattazzi.[16]

Curiosamente, era no Hotel Francfort que, uns anos antes, Lady Jackson havia querido se instalar. Mas quando chegou ao Porto, no omnibus vindo de Gaia, o cocheiro passou junto à porta do hotel e seguiu em frente, rumo ao "Bureau Central", apesar dos pedidos insistentes da inglesa para ficar no hotel. Ali, o diretor da companhia indicou-lhes que o Francfort estaria fechado e que, por isso, convenientemente, podiam ficar no hotel que dirigia, na parte baixa da cidade, junto ao rio – o Hotel do Comércio. Apesar da fama do Hotel do Comércio que, cerca de 20 anos antes, era considerado pelo Guia britânico "A Handbook for Travellers in Portugal" como "the best" (AAVV, 1856: 134), Lady Jackson encontra muitos percevejos na cama e uma longa lista de outros defeitos (à exceção das refeições que eram bem confecionadas) que a farão mudar para um hotel na Foz onde não encontra falhas ou estorvos.

Mas viajar no Porto não era efetivamente fácil, sobretudo para uma mulher independente, ainda que acompanhada por filhos ou amigos. Lady Jackson queixa-se frequentemente do pó das estradas, consequência da macadamização, o que tornava o ar pesado e de difícil respiração. Também Camilo Castelo Branco foi, amiudadas vezes, criticando esta solução: "A gente traz as goelas macadamizadas com o pó das ruas: é uma fortuna nestes tempos em que o estômago, como foco de indústria, precisa de estradas sólidas" (citado in Pereira, 1997: 26).

Os declives criados pelas colinas onde assenta a cidade e a distância significativa aos subúrbios dificulta a viagem a uma mulher sem companhia nem transporte próprio, numa cidade em que o preço do aluguer de animais ou veículos de transporte era estranhamente elevado. Por essa razão, Lady Jackson limita-se a ver, a partir das varandas da cidade, o panorama ao longe, onde se entrelaçavam o verde da montanha, os cursos de água e, aqui e ali, um mosteiro pontuava a paisagem, mas sem poder contactar de perto com a atraente envolvente do Porto.

Os serviços turísticos estavam por explorar e os recursos patrimoniais tinham funções ainda incompatíveis com o turismo. Lady Jackson desejava "ardentemente subir á torre dos Clérigos; mas não se encontrou quem abrisse a porta. Parece que, em geral, as egrejas do Porto fecham-se muito cedo" (Jackson, 1877: 347). À noite, ao contrário de Lisboa, o Porto era pouco animado e a luz dos lampiões era muito difusa pelo que se optava por um passeio à Foz no "americano" ou o dia terminava com o pôr-do-sol ou um passeio nas alamedas frescas e ventiladas, das Fontainhas, de São Lázaro ou das Virtudes.

Apesar de múltiplas opiniões divergentes, a praia era, nas palavras de Lady Jackson, "escabrosa, poeirenta e aborrecidamente atravancada não só de banhistas, mas de vadios, e espectadores e espectadoras de galhofa" (Jackson, 1877: 319). Por isso, por vezes, a turista britânica, em vez dos banhos na praia do Caneiro ou dos Ingleses, na Foz, seguia no carril até Matosinhos e passeava até Leça, onde a capela da Boa Nova emergia na paisagem marítima, inspirando artistas e poetas como António Nobre.

No essencial, Maria Rattazzi e Lady Jackson percorrem aproximadamente os mesmos lugares (visitam a Catedral, a Igreja da Lapa, de São Francisco e de Cedofeita, o Palácio da Bolsa, o Hospital de Santo António, o Palácio de Cristal e os seus jardins, a Feitoria Inglesa e o Paço Episcopal, onde ambas se encantam pela escadaria monumental barroca) daquilo a que podemos chamar a cidade histórico-turística, que se estabelece, pelo menos, desde o século XIX, como o pioneiro estudo de Knoll (1988 citado in Sarma, 2004) comprova para a cidade alemã de Colónia.

CONCLUSÃO – DA DESCOBERTA DO OUTRO À PROCURA DO EU

No século XIX, para uma certa elite cultural, nenhuma viagem está completa sem o seu relato escrito, onde é narrada a geografia dos lugares, mas onde também emerge a carga emocional que as novas geografias cartografam em quem viaja. Num período de transição, tanto para o Porto como para a sociedade romântica de oitocentos, os reparos e observações de duas estrangeiras permitem compreender melhor o espaço urbano portuense e as dessincronias e desequilíbrios de um Portugal conservador e, em muitas dimensões, impreparado para os desafios fineseculares, em particular perante as provocações e o sarcasmo de Maria Rattazzi.

A igualdade de géneros oferecia como miragem o acesso a direitos e regalias até então vedados ao sexo feminino mas pressupunha a perda de cortesias e gentilezas, de marcada condescendência masculina, que algumas mulheres não estavam na disposição de perder. Aparentemente dividida entre as vantagens e os inconvenientes do avanço feminista, Lady Jackson encontrará na observação e interpretação do comportamento sociocultural da mulher portuense o espaço para as suas próprias divagações e reflexões em torno da condição feminina. O turismo, ao provocar a descoberta do outro nas suas múltiplas dimensões e na sua singularidade, quebrando fronteiras e rasgando novos limites, permite, em ricochete, um reencontro com as dúvidas e as angústias do viajante que acaba na pesquisa das suas próprias inquietações, na procura do eu.

NOTAS

[1] Como refere Cabete (2010: 203): "a partir do século XIX verifica-se uma verdadeira proliferação de relatos de viagem da autoria de escritores que, convertendo-se eles próprios em viajantes, procuram fixar as suas 'impressões' em narrativas, legando para a posteridade as emoções e decepções despertadas pelos locais visitados".

[2] O anticlerical Urbano Rattazzi, por exemplo, de quem herdou o sobrenome, foi Primeiro-ministro de Itália, em 1862 e 1867, e Presidente da Câmara dos Deputados (Panarello, 2016).

[3] O incómodo de Camilo Castelo Branco em relação a Maria Rattazzi estará, entre outras razões, fundado na forma pouco gentil como a viajante se referiu ao seu trabalho em "Portugal de relance". Entre outros comentários desdenhosos, Maria Rattazzi apontou: "Lemos, por exemplo, o primeiro romance do Camillo Castello Branco, parece-nos interessantissimo, o segundo é a reminiscência do primeiro, o terceiro a reproducção do segundo e assim successivamente" (Rattazzi, 1880: 68), terminando a análise à obra de Camilo com uma comparação que terá enervado particularmente o autor de "Amor de Perdição": "Júlio Diniz (Gomes Coelho), eclipsou um pouco o astro de Camillo Castello Branco. Júlio Diniz tinha em relação ao seu competidor a superioridade de conhecer melhor a vida, o seu estylo era mais natural e fluente e a elevação do seu espirito irradiava um fulgor idêntico ao do génio" (Rattazzi, 1880: 68).

[4] Sobre este tema: Pereira, H. (2010), "As viagens ferroviárias em Portugal (1845-1896)", in *CEM, Cultura Espaço & Memória* (1), pp. 25-40.

[5] Ver, a este propósito, o caso português e, em particular o de Lisboa, em: "A Evolução do Alojamento nos Primórdios do Turismo em Portugal: Discursos e Realizações (1800-1906)" de Miguel Dias Santos (Santos, 2017).

[6] Ver: Carvalho, F. (1997), *Arquitectura e vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)*, Tese de Mestrado em História da Arte, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

[7] Carruagem sobre carris, puxada por mulas, que foi introduzida pioneiramente em Portugal na cidade do Porto, em 1872.

[8] "Ás onze horas, os últimos carros largam para o Porto: ha então um atropellamento geral por cauza de logares, e a Praia fica em parte vazia" (Jackson, 1877: 315-316).

[9] A dada altura, Maria Rattazzi estabelece mesmo comparações entre o Alentejo e o deserto do Sahara (Rattazzi, 1880).

[10] Com a exceção do aluguer de cavalos e carruagens, como apontou Lady Jackson (Jackson, 1877).

[11] Curiosamente, também Ramalho Ortigão referia o característico som dos socos e dos tamancos do Porto: "Apeámo-nos finalmente na estação de Campanhã. Uma fila de carruagens sobre a linha dos trâmueis. Um rumor diligente e alegre de tamancos novos sobre os largos passeios lajeados. Mulheres bem feitas, caminhando direitas, de cabeça alta, cintura fina solidamente torneada sobre os rins, e alegres lenços amarelos, de ramagens vermelhas, encruzados sobre a curva robusta do peito. Canastras bem tecidas, grandes como berços, cobertas de pano de algodão em listras azuis e encarnadas. As carruagens americanas recebem tudo, gente, cestos de fruta, canastras, trouxas de roupa branca, caixotes, seirões com ferramentas. Dos vinte passageiros de Campanhã que tomam lugar connosco no carro americano dois têm escrófulas, e um tem uma grossa corrente de ouro no relógio e um grande brilhante pregado no peito da camisa. Um pequeno, ruivo, sardento, de olhos azuis, apregoa o Jornal da Minhaum. As mulinhas trotam bem. E todas as casas, de um e de outro lado da rua, têm à porta a cancelinha baixa, de pau, pintada de verde. Estamos no Porto" (Ortigão, 1943: 140-141).

[12] A edição do Guia de Bradshaw para a Peninsula Ibérica, de 1894, já dedica 3 páginas à cidade do Porto (Charnock, 1894: 181-184).

[13] É interessante comparar estas observações de Lady Jackson com o que Ramalho Ortigão escrevia, sensivelmente na mesma altura, a propósito das mulheres poveiras na obra "As praias de Portugal", obra que, por si só, é exemplo acabado da importância do turismo balnear à entrada do último quartel do século XIX: "De uma actividade infatigável no mar, os poveiros em terra trabalham pouquíssimo; alguns não trabalham pela palavra nada. Ancorado o barco recolhem o remo e ficam nos bancos dormindo com os braços crusados no peito. São n'este caso as mulheres que descarregam o peixe, que contractam a venda, que recebem o dinheiro dos negociantes e que distribuem as quotas pelos tripulantes" (Ortigão, 1876: 56).

[14] O Hotel Louvre havia sido inaugurado em Setembro de 1865, no mesmo mês em que abriu a Exposição Internacional no Palácio de Cristal. Sobre o seu percurso histórico, consultar: Alves, D. et al (2016), "Gaspar Joaquim Borges de Castro e o Gaveto da Rua do Rosário", *in* G. Sousa (coord.) (2016), *II Congresso O Porto Romântico – Actas*, Porto: Citar.

[15] A gerente era Henriquetta Alveolos, figura muito conhecida do Porto de meados do século XIX, no seguimento do conhecido episódio da visita do Imperador D. Pedro II, do Brasil, ao Porto, em que

o monarca brasileiro partiu para o outro lado do Atlântico sem pagar. A propósito deste encontro entre Maria Rattazzi e Henriqueta Alveolos, Camilo referiu jocosamente: "conversou com a Sra. 'Alveolos', inglesa gorda que, por sinal, a não percebeu" (Branco, 1880: 34).

[16] A propósito deste encantamento de Maria Rattazzi pela Senhora Harding, Camilo Castelo Branco apontará em tom de gozo: "Conta-nos – digno Plutarco – a biografia da estalajadeira do 'Francfort'" (Branco, 1880: 34).

BIBLIOGRAFIA

AAVV (1856), *A Handbook for Travellers in Portugal: With a Travelling Map*, London: John Murray.

Alves, D. et al (2016), "Gaspar Joaquim Borges de Castro e o Gaveto da Rua do Rosário", in G. Sousa (coord.) (2016), *II Congresso O Porto Romântico – Actas*, Porto: Citar.

Branco, C. (1880), *A Senhora Rattazzi*, Porto: Livraria Internacional.

Cabete, S. (2010), *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional*, Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle.

Carvalho, F. (1997), *Arquitectura e vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)*, Tese de Mestrado em História da Arte, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Charnock, F. et al. (1894), *Bradshaw's Illustrated Hand-book to Spain and Portugal: complete guide for travelers in the peninsula*, London: W. J. Adams & Sons.

Jackson, C. (1877), *A Formosa Lusitânia*, Porto: Livraria Internacional.

Jorge, R. (1899), *Demographia e Hygiene na Cidade do Porto*, Porto: Câmara Municipal do Porto.

Lousada, M. (2010), "Viajantes e turistas. Portugal, 1850-1926", in AAVV (2010), *Viajar. Viajantes e Turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: CNCCR, pp. 65-75.

Ortigão, R. (1876), *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto: Livraria Universal.

___ (1943 [1887]), *As farpas, o país e a sociedade portuguesa*, Lisboa: Livraria Clássica Editora.

Osório, P. (1908), "Onde iremos passar o Verão?", Ilustração Portuguesa, 128, citado in E. Henriques e M. Lousada (2010), "Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A arte de ser turista", in AAVV (2010), *Viajar. Viajantes e Turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: CNCCR, pp. 77-106.

Panarello, C. (2016), "Emilia Peruzzi versus Maria Rattazzi", in M. Guardiola et al (eds.) (2016), *Mujeres de letras: pioneras en el arte, el ensayismo y la educación*, Murcia: IX Congreso Internacional AUDEM.

Pereira, G. (1997), *No Porto Romântico, com Camilo*, Porto: Casa Comum – Centro Cultural / O Progresso da Foz.

Pereira, H. (2010), "As viagens ferroviárias em Portugal (1845-1896)", in *CEM, Cultura Espaço & Memória*, 1, pp. 25-40.

Pimentel, A. (1877), *Guia do Viajante na cidade do Porto e seus Arrabaldes*, Porto: Costa Mesquita.

___ (1893), *O Porto há Trinta Annos*, Porto: Livraria Universal.

___ (1894), *O Porto na Berlinda*, Porto: Livraria Chadron.

Pinto, J. (2015), "As Ilhas do Porto", in I. Vázquez e P. Conceição (2015), *"Ilhas" do Porto – levantamento e caracterização*, Porto: Câmara Municipal do Porto, pp. 5-17.

Pinto, J.; Azevedo, A. (2010), "Padrões de distribuição hoteleira no Porto no final do século XIX", in *Percursos & Ideias*, cadernos de Turismo, 2 (2.ª série), pp. 155-166.

Rattazzi, M. (1880), *Portugal de Relance*, Lisboa: Livraria editora de Henrique Zeferino.

Rines, G. (ed.) (1920), *Rattazzi, Marie Studolmine de Solms*, S.l.: Encyclopedia Americana.

Santos, M. (2017), "A Evolução do Alojamento nos Primórdios do Turismo em Portugal: Discursos e Realizações (1800-1906)", in *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 9 (IV), pp. 506-520.

Sharma, K. (2004), *Tourism and Regional Development*, New Delhi: Sarup & Sons.